CMP 1.2.6.26

Painel

Aceno de Adeus

Quando seu carro iniciou o trajeto para a Base Aérea de Brasília, ao som da "Valsa do Adeus", o presidente Geisel mais uma vez desobedeceu à sua segurança: baixou o vidro à prova de bala e começou a acenar para a multidão, ao mesmo tempo em que, discretamente, enxugava uma lágrima renitente.

Um detalhe

Ao assinar o termo de sua posse ontem, na sessão do Congresso Nacional, o general Figueiredo acabou revelando um detalhe pouco conhecido da Nação: é canhoto.

Volta ao populismo

Encerrada a cerimônia de posse na Assembléia Legislativa, o governador Paulo Maluf, ao deixar o recinto, cercado por ostensivo esquema policial, acenou para os que ali se encontravam, com os dois braços erguidos, fazendo que alguns políticos remanescentes da era populista comentassem:

"Como nos velhos tempos, como nos velhos tempos..."

O pisão final

A segurança do general Geisel deu o ar de sua graça ontem, no embarque do ex-presidente para o Rio de Janeiro.

Empurraram à vontade os jornalistas que ali se encontravam e, diante da insistência de um repórter da TV-Globo para entrevistar d. Luci Geisel, o agente não teve dúvidas: pisou forte no fio, quebrando o microfone.

Diante dos protestos do repórter, o agente respondeu:

"Quem manda vocês darem trabalho pra gente..."

Balançando a cabeça

Muitos membros de delegações arenistas que não conseguiram entrar ontem na Assembléia para assistir à posse do governador Paulo Maluf, ficaram apreciando, à falta de alternativa, as manifestações estudantis que se realizavam defronte ao prédio.

Enquanto uns contemplavam a cena impassíveis outros balançavam a cabeça em sinal de desaprovação. Um representante de Santa Rosa não se conteve: "Eu sou contrário a todo tipo de manifestação".

Sempre igual

O deputado baiano Manoel Novais, da Arena, não era, seguramente, um dos mais atentos observadores da posse, ontem, do general Figueiredo.

A explicação é simples: com 38 anos de mandato federal — foi eleito pela primeira vez em 1933, com 25 anos de idade — Manoel Novais já assistiu à posse de 15 presidentes.

"É sempre igual", garantiu o parlamentar.

Sorriso amarelo

Quando o governador Paulo Maluf terminou o discurso pronunciado por ocasião da transmissão de cargo, no Palácio dos Bandeirantes, o sr. Paulo Egídio foi até ele e estendeu a mão para cumprimentá-lo.

Em vez de aceitar o cumprimento, Maluf, segurando Egídio pela mão, levantou-lhe o braço, enquanto acenava aos que se encontravam no salão. Embora menos constrangido quanto o sr. Laudo Natel ficou num episódio anterior e semelhante, Paulo Egídio limitou-se a sorrir amarelo, enquanto disfarçadamente procurava baixar o braço.

Conversa e abraço

Mais um passo na escalada para a aproximação Governo-Oposição foi dado ontem.

Terminada a cerimônia de posse do general Figueiredo, o brigadeiro Délio Jardim de Matos, ministro da Aeronáutica e um dos mais importantes assessores políticos do novo presidente, permaneceu ali durante cinco minutos, em conversa reservada com o presidente nacional do MDB, Ulisses Guimarães.

Um forte abraço selou as despedidas.

Um pedido

Entre abraços e tapinhas nas costas, o governador Paulo Maluf já recebeu ontem mesmo alguns pedidos. Um deles foi o do presidente do sindicato patronal da agropecuária de São José do Rio Preto, Alcino Pisani: que Maluf adote providências para cessar a importação de cebolas, pois o que a região produz é mais do que suficiente para abastecer o mercado.

Questão de semântica

O repórter perguntou ao ministro do Interior, Mário Andreazza, quais os seus planos em relação à reforma agrária para o Nordeste.

"Prefiro usar a expressão alteração da estrutura fundiária. Reforma agrária é uma coisa que vem sendo falada há muito tempo e até agora não foi feita", explicou Andreazza.

De olho

Um grupo de jornalistas de Brasília dirigiu apelo ao ministro da Justiça, Petrônio Portela, para que reveja o ato de seu antecessor que censurou o último exemplar do semanário "Movimento".

Resposta de Petrônio: "Fiquem de olho nas próximas edições do "Diário Oficial".

Falha protocolar

Ao agradecer a presença das delegações estrangeiras na cerimônia de posse do general Figueiredo, o presidente do Senado, Luís Viana Filho, destacou apenas os presidentes da Bolívia e do Paraguai.

Cometeu, com isso, uma gafe diplomática, pois ali também se encontrava um chefe de governo, o primeiro-ministro português, Mota Pinto, que pelo protocolo também merecia referência especial.

Sem novidades

O ministro Mário Simonsen fez uma rápida, porém elucidativa declaração ontem, após transmitir a pasta da Fazenda e receber a do Planejamento:

"Tudo como dantes, no quartel de Abrantes..."

Contraponto

Sebastião Nery

Gafes

1. — O presidente Figueiredo, já empossado, saía do Congresso Nacional acompanhado pelo vice-presidente Aureliano Chaves, senadores Luís Viana Filho, Jarbas Passarinho e Paulo Brossard, e deputados Homero Santos e Nelson Marchesan, quando o líder Marchesan se aproximou:

— Presidente, o senhor assinou a posse com a mão esquerda para agradar ao MDB?

— Marchesan, tenha mais consideração pela Oposição, por homens do porte do senador Paulo Brossard.

Marchesan acoxilhou-se.

2 — O general Golbery, no Palácio do Planalto na hora da transmissão do cargo, no 2.º andar, desfilava com forte mancha vermelha na testa, do lado direito. Mertiolate ou baton?

3 — Charuto na boca, tranquilo, feliz. Heitor de Aquino passeava pelo 3.º andar. Ricardo Pedreira, da "Veja", e Roberto Stefanelli, do "Jornal de Brasília", encontraram-no.

— Vocês estão felizes?

— Nós é que sabemos quem está feliz.

— E sem motivo nenhum. Sem razão nenhuma.

E foi em frente. Com seu charuto e sua incontida e desmotivada alegria.

4 — Quando Geisel e Figueiredo falavam, a plaqueta de papelão, com fita adesiva, que marcava o lugar de cada autoridade no piso de mármore do 2.º andar, grudou no sapato de Aureliano Chaves. O vice ficou o tempo todo pisando-a com um pé, depois com o outro, para ver se conseguia arrancá-la do salto do sapato. Tanto mexeu, cada vez com aflição maior, que acabou parecendo que estava marchando.

Todo mundo rindo e Aureliano sem ver nada.

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921
Propriedade da "Empresa Folha da Manhã S/A"

Editor-Responsável
Boris Casoy
Conselho Editorial
Coordenador: Cláudio Abramo. Membros: Boris Casoy, Samuel Wainer, Rui Lopes, Alberto Dines, Luís Alberto Bahia, Newton Rodrigues, Odon Pereira e Otávio Frias Filho (secretário).

SÃO PAULO
Redação, Administração, Publicidade e Oficinas
Alameda Barão de Limeira, 425 Campos Elíseos, São Paulo — Telefone Central 220.0011 — Caixa Postal 8079 — Endereços telegráficos — FOLHAS — Folha Informações — Fone 220.1622 e Telex n. 01122.930, 01124.030, 01121.793, 01122.822 — Código Postal 01202.

Sucursal de Brasília — (DF)
C.L.S. 104 Bloco C — Lojas 33 e 34
Telefone Central 223.3005

Sucursal do Rio de Janeiro — (RJ)
Av. Presidente Vargas, 502 — 8.º andar
Telefones 243.3846, 243.8287 e 243.3946

Sucursal de Belo Horizonte — (MG)
Rua Quimberlita, 344
Telefones 461.9858 e 461.5766

Sucursal de Porto Alegre — (RS)
Rua Jerônimo Coelho n.º 102 — 3.º andar
Telefone 25.9924

Sucursal de Curitiba — (PR)
Rua Paula Gomes, 221 — Telefone 22.3245

Sucursal de Florianópolis — (SC)
Rua Tenente Silveira, 15 s/203 — Telefone 22.5233

Sucursal de Recife — (PE)
Rua Cleto Campelo, 44 s/loja, sala 216
Fones 224.3896

Sucursal de Campinas — (SP)
Rua Dr. Quirino, 1.254 — Telefones 31.5181 e 8.9308

Sucursal de Santo André — (SP)
Rua Siqueira Campos, 540/544
Telefones 449.6201 e 449.6090

Sucursal de Santos — (SP)
Rua do Comércio, 32 — Telefone 32.7141

Sucursal de Londrina — (PR)
Rua Santa Catarina, 152 — Telefones 23.6174 e 23.9563

Correspondentes no Exterior
Nova York — Paulo Francis
Paris — J.B. Natali
Tóquio — Osvaldo Peralva
Jerusalém — Isaac Akcelrud
Roma — Pedro Del Picchia

Assinatura Semestral	Cr$ 750,00
D.R.	Cr$ 280,00
TOTAL	Cr$ 1.030,00
Assinatura Anual	Cr$ 1.200,00
D.R.	Cr$ 500,00
TOTAL	Cr$ 1.700,00

A PRAZO
ASSINATURA ANUAL

Assinatura	Cr$ 1.350,00
D.R.	Cr$ 600,00
TOTAL	Cr$ 1.950,00
1.ª parcela à vista	Cr$ 390,00
2.ª parcela 30 dias	Cr$ 390,00
3.ª parcela 60 dias	Cr$ 390,00
4.ª parcela 90 dias	Cr$ 390,00
5.ª parcela 120 dias	Cr$ 390,00
TOTAL	Cr$ 1.950,00

Segunda-feira somente venda avulsa

VENDA AVULSA

Diariamente	Cr$ 7,00

Preço de venda avulsa remessa por via aérea nos Estados do Ceará — Maranhão — Pará — Piauí — Amazonas — Acre — Paraíba — Alagoas — Rio Grande do Norte — Pernambuco — Bahia — Sergipe e nos territórios do Amapá — Roraima — Rondônia: dias úteis Cr$ 10,00 — domingos Cr$ 15,00.
Nos Estados do Paraná — Rio Grande do Sul — Mato Grosso — Goiás — Espírito Santo e Distrito Federal (Brasília) dias úteis Cr$ 8,00 — domingos Cr$ 12,00
Nos Estados de Minas Gerais e Santa Catarina dias úteis Cr$ 8,00 — domingos Cr$ 10,00
Rio de Janeiro — diariamente Cr$ 8,00

Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

O Delegado Sindical

EDUARDO M. SUPLICY

Após terem sido superados nas discussões diversos aspectos econômicos, em especial a taxa de reajuste com que praticamente acordaram ambas as partes, a questão do reconhecimento do delegado sindical passou a ser o principal ponto de debate entre os representantes de empresários e de trabalhadores das empresas que se encontram paralisadas no ABC.

O delegado sindical, conforme entendem os que reivindicam o seu reconhecimento pelos empresários, tem a função de representar o sindicato dos trabalhadores, com a responsabilidade de organizá-los em cada empresa. É aquele que leva e traz os problemas da empresa para o sindicato e que muitas vezes pode trazer uma contribuição positiva para a solução de conflitos.

Por ser um canal de comunicação que se abre entre empresa e sindicato, muitas vezes o delegado sindical está em condições de esclarecer um ponto de estrangulamento numa discussão entre as partes envolvidas. Com freqüência muitas empresas tomam medidas administrativas de forma extremamente autoritária, causando tal situação de mal-estar que se vêem obrigadas a voltar atrás. No caso de haver um canal de expressão, o delegado sindical, abre-se a possibilidade de a empresa poder consultar antecipadamente os trabalhadores sobre se a medida terá repercussões positivas ou não.

Hoje, na verdade, já existem delegados sindicais em quase todas as empresas. Todavia, como a direção destas na maioria dos casos não admite a sua existência, com freqüência eles não podem realizar o seu trabalho para o sindicato de forma normal, aberta. Se o fazem, sem as garantias ora solicitadas, são despedidos.

Há dias, uma senhora que trabalha há nove anos numa empresa foi despedida porque estava convidando seus companheiros a se inscreverem no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Durante nove anos, por nenhum outro motivo a empresa julgou que deveria despedi-la. Bastou, todavia, que fizesse um trabalho do interesse do sindicato para que perdesse o emprego.

O reconhecimento do delegado sindical, portanto, significa simplesmente não despedir, salvo por justa causa, aquele trabalhador que exerce qualquer atividade de interesse do sindicato de forma aberta, não clandestina. Essa é uma prerrogativa atual dos diretores das entidades sindicais. Desde que eleitos, durante os três anos de mandato regular e ainda durante o ano seguinte. Assim, o diretor de um sindicato pode exercer abertamente suas funções dentro de uma empresa sem a ameaça de perder o seu meio de sobrevivência.

Nos grandes centros industriais, entretanto, é impossível aos 24 diretores de cada entidade sindical (esse número é estabelecido em lei) fazer o trabalho de representação sindical em todas as empresas. Numa cidade do interior, digamos onde há cerca de 10 indústrias com um total de 500 trabalhadores filiados a um único sindicato, há a possibilidade de haver mais de dois diretores de sindicato exercendo efetivamente o papel de delegados sindicais em cada empresa.

Já em São Bernardo do Campo e Diadema, é praticamente impossível aos 24 diretores do Sindicato dos Metalúrgicos realizarem um trabalho adequado de representação de cerca de 126.000 trabalhadores espalhados por mais de 600 empresas. Situações semelhantes ocorrem em toda a Grande São Paulo.

O que desejam os trabalhadores é que as empresas não despeçam qualquer um que dê mostras de vinculação ao sindicato. São muitas as empresas que não admitem qualquer trabalhador que seja sindicalizado, criando até situações em que aquele vê se forçado a filiar-se ao sindicato sem o conhecimento da empresa, pagando a sua mensalidade diretamente à entidade.

Os empresários na Fiesp, como expressaram Theobaldo de Nigris e Luís Eulálio Bueno Vidigal, mostram-se temerosos em reconhecer o delegado sindical, com o argumento de que "não é desejável que pessoas menos esclarecidas queiram dar palpites na administração de uma empresa" ou de que "a estrutura da sociedade brasileira ainda não está amadurecida para essa etapa do sindicalismo".

Torna-se necessária aqui uma reflexão. Primeiro, nota-se que muitos empresários aceitam o fato de que a existência de delegados sindicais em empresas nos países desenvolvidos em nada atrapalha a normalidade de suas administrações. Segundo, que a reivindicação do reconhecimento do delegado sindical está sendo feita no centro industrial mais desenvolvido do Brasil, onde os trabalhadores têm um nível de treinamento reconhecido como alto, segundo padrões internacionais, pelos próprios empresários.

Portanto, parece estranho que os empresários que costumam louvar a capacidade do operário brasileiro em produzir automóveis a níveis de produtividade hoje semelhantes aos dos países desenvolvidos agora se recusem a reconhecer a sua capacidade de opinar sobre os assuntos de interesse administrativo, que afetam no cotidiano as suas condições de vida.

Ademais, como observou o professor e economista Valter Barelli, do Dieese, a negociação direta entre empresários e trabalhadores só pode existir se houver um canal aberto de expressão. Assim, se as negociações diretas constituem passo importante na democratização do País, o reconhecimento do delegado sindical será um elemento nesse processo.

Eduardo Matarazzo Suplicy é professor de Economia da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas, analista de assuntos econômicos da "Folha", doutor em Economia pela Universidade Estadual de Michigan; deputado estadual em São Paulo, eleito em 15 de novembro.

De Khayyam a Khomeini

TRISTÃO DE ATHAYDE

Em 1900, aos 6 anos de idade, enganchado nos ombros de meu pai, assisti, nos Campos Elísios de Paris, à passagem solene do cortejo do então xá da Pérsia. Em 1979, aos 85, sobre minhas pernas já meio bambas, assisto ao desmoronamento de um trono de 2.600 anos. O mais longo da história. Em 1928, prefaciando a tradução dos poemas de Omar Khayyam por Otávio Tarquínio de Sousa, já me despedia desse mestre supremo de sibaritismo intelectual, que inebriara a nossa mocidade de então, com o convite a desfrutarmos, enquanto tempo, de todos os sabores e perfumes da vida evanescente. Em 1979, é novamente da Pérsia, já transformada em Irã, que nos vem o exemplo da mais recente e mais violenta das revoluções. Ninguém sabe se vai durar por muito tempo essa euforia, que pareceu por um momento fazer a unidade do povo e já de novo se quebrou de modo talvez irreparável, com a queda violenta da Monarquia e a fundação, pela primeira vez na história do islamismo, de uma **República islâmica** de boas intenções.

Um dos últimos números das "Nouvelles Littéraires" nos traz algumas entrevistas ou informações de intelectuais iranianos do momento, precursores ou integrados nessa revolução total, que poderá vir a ser totalitária se não conseguir ser democrática. O mais importante deles, ao que parece, é o sociólogo Ali Shariati, recentemente falecido. Durante sua vida, seus livros eram não só censurados mas proibidos pelos falcões do regime. "Hoje, depois de sua morte, seus livros são vendidos absolutamente por toda parte, a centenas de milhares. Diante da Universidade de Teerã, não apenas as livrarias estão cheias deles, mas os vendedores das calçadas há um ano que não vendem senão Shariati... Este ajuda os intelectuais iranianos a partirem à conquista do mundo moderno, sem renunciarem à sua identidade de crentes." Segundo ele diz em um de seus livros, "a fé é que dá ao indivíduo sua determinação à luta e ao grupo sua aglutinação. As sociedades atéias são tristes e pouco atraentes". No humanismo islâmico ele vê a única ideologia capaz, não apenas de salvar o Irã, mas também os povos oprimidos.

Como se vê poderá ser a volta à teocracia como solução revolucionária. Segundo essa visão da doutrina do humanismo islâmico: "dois princípios especificamente xiitas devem ser os motores da liberação: 1) o **imanato**, sistematização do que poderíamos chamar a **leadership**, a dominação espiritual e política de um chefe sobre um povo que espontaneamente a aceite; e 2) a **justiça**, que foi elevada pelo xiísmo ao nível de princípio teológico". O republicanismo islâmico de Khomeini, aplicando as idéias de Shariati, se integra naquela terceira fase do islamismo (a fase sociológica, depois da teológica e da filosófica) que representa essa força nova deste século que representa o neo-islamismo, pela união total entre religião e política. Como se vê, em oposição radical aos regimes socialistas e aos regimes liberais, mas baseado nos conceitos supremos de **chefe** e de **comunidade**. O iranólogo Yann Richard, fazendo a exposição crítica das idéias desse precursor da República islâmica, acrescenta: "Podemos dizer, com um mínimo de exagero, que ele faz a crítica implacável de todos os totalitarismos, mas sonha com um totalitarismo islâmico (sic), único, segundo ele, que respeita plenamente a pessoa humana, só a submetendo a Deus, sem reduzir sua autonomia à de um executante econômico. Segundo ele o Islã é a única base de uma ideologia de progresso e de revolução permanente (sic), impedindo toda volta ao poder tirânico e toda degradação do elemento político. Quanto à democracia, ele a considera apodrecida, porque nela dominam as forças do dinheiro e não os eleitores. E o mesmo sucede com o princípio do sufrágio universal que, pretendendo defender a igualdade de todos, só leva ao esmagamento das minorias progressistas pelas maiorias conservadoras" (loc.cit.).

Como se vê, o neo-islamismo que parece animar o novo regime iraniano é de tipo elitista (supremacia das minorias), e ao mesmo tempo crítico do capitalismo, do comunismo e da democracia liberal. Os neo-islamistas vêem, em todos esses grandes movimentos políticos do mundo moderno o perigo comum do que chamam de **ocidentalismo**. Como Guilherme 2.º via no "perigo amarelo" o fantasma do **asiatismo**.

Há cerca de 15 anos, como informa o mesmo professor Yann Richard, um escritor iraniano, Alive Ahmad, escrevera um violento panfleto intitulado "A ocidentalidade", que a censura sempre interditou, em que se baseia hoje todo esse movimento neo-islâmico, ao menos o de tipo xiita, que agora liquidou, aparentemente para sempre, uma dinastia que tinha tido o propósito de converter o Irã pela força das armas e pelo progresso industrial, "no Japão do Oriente Médio". É contra essa ocidentalização tecnológica tanto capitalista como socialista (embora já dividida entre comunistas **fedayin** e os fiéis ao **aiatolá**) que se levanta agora esse nacionalismo islâmico. Segundo outro universitário iraniano, o professor Mehdi Mozafari, "o xiismo sempre foi, desde suas origens, uma religião política nascida logo após a crise da sucessão de Maomé. É uma religião antipoder... Pela primeira vez agora é que um chefe xiita conquista o poder e instala uma República islâmica... Nossa oportunidade histórica reside talvez nesse fato do xiismo ser uma religião virgem no plano do progresso político, pois nunca esteve no poder. A classe intelectual iraniana tem hoje a possibilidade de colaborar na definição desse governo islâmico, que ainda está por inventar". Vemos como tudo isso é vago e aventuroso.

Outro professor universitário, o de Economia na Universidade de Teerã, entrevistado antes da queda do xá (e por isso não quis revelar seu nome) ainda é mais categórico na sua recusa ao Ocidente e na sua afirmação do islamismo e do nacionalismo: "Através desse movimento, único na história contemporânea, há uma recusa total à civilização ocidental. Não se trata de uma simples rejeição do sistema de vida econômica do Ocidente, mas de valores que nos foram impostos... Nós fomos violados pelo Ocidente. Tentaram impor-nos uma vida estranha à nossa tradição e à nossa história... Ainda há uns 20 anos havia uma simbiose entre o Oriente e o Ocidente. Mas se tratava de um movimento natural e não imposto. Desde há 20 anos passados, essa violação assumiu uma dimensão de genocídio cultural. Contra isso é que os iranianos reagiram de modo violento".

Essas e outras declarações dos líderes intelectuais do Irã ainda não se referem às grandes fraturas políticas que já se estão produzindo, depois da queda da Monarquia. Quanto ao destino dessas fraturas, no sentido democrático ou no sentido totalitário (pois essa distinção não é oriental nem ocidental, mas universal), a palavra final caberá ao futuro. No momento atual, só podemos comprovar que o mundo moderno é muito mais imprevisto e complexo do que o prevê a nossa infausta Lei de Segurança Nacional.

Mas, com tudo isso, para onde terão ido as rosas de Chiraz? Que terão feito delas os guerreiros xiitas?...

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico dos mais influentes de sua geração; foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.

A Palavra do Leitor

Carta aos estudantes

"Os estudantes da USP estão, novamente, às turras com a administração porque as refeições passaram de Cr$ 6 para 10 cada uma. Por isso pretendem distribuir uma carta aberta à população. Dado o caráter eminentemente equívoco dessa carta, peço licença para dirigir-lhes, também eu, por intermédio desse jornal, as seguintes considerações:

"Meus caros patrícios. Acho muito louvável que vocês iniciem, desde cedo, manifestações de personalidade e pretendam "afirmar-se", como costumam dizer os insufladores desses movimentos. Entretanto, permito-me ponderar que paralelamente, vocês deveriam estender seu protesto contra o aumento do custo dos cigarros que consomem e das bebidas que ingerem, às vezes descontroladamente. Os 10 cruzeiros que se pretende receber de vocês por um almoço completo equivalem ao preço de um maço de cigarros que vocês fazem questão de fumar diariamente, e que, além de pesar nos seus orçamentos, sobrecarregam seus organismos com resíduos perniciosos e afligem, também, seus companheiros não fumantes, obrigando-os a ingerir indiretamente a fumaça deletéria que espalham no ar, mesmo durante as aulas, o que, a meu ver, deveria ser terminantemente proibido.

"Além disso, se vocês forem adquirir um misto quente ou um bauru num botequim qualquer ou num bar, verificarão que esse simples "engana-fome" custa preço bem mais alto do que o almoço substancial e bem dosado que as instituições onde vocês estudam lhes fornecem.

"Tenham portanto, um pouco de equilíbrio emocional. O que falta a vocês é autodiscernimento; vocês vivem psiquicamente envenenados pelas campanhas demagógicas que se vêm desenvolvendo desde o ano passado, por maus políticos, e endossadas e encarecidas por poucos chefes sindicais — geralmente filhos de outros Estados e que aqui vieram conhecer um pouco de conforto com que nunca sonharam em sua terra de origem. Elevem suas mãos aos céus e agradeçam a Deus o privilégio de viverem numa terra abençoada como a nossa; verifiquem, com cautela, se dentre aqueles que mais se batem pelas teses que vocês adotam, têm uma vida estudantil compatível com os exemplos que pretendem dar-lhes.

"E vocês acabarão constatando que, em geral, os mais acirrados promotores desses "movimentos" são maus alunos, maus companheiros, intransigentes, autoritários, não admitindo a "liberdade de opinião" dos demais, esquecidos da pregação dos direitos humanos que tanto alardeiam. Bom senso e equilíbrio são as qualidades que vocês estão precisando desenvolver, acima de tudo."

Sr. A. F. Guimarães (Santos, SP)

Sobre a Bíblia

"Chegou a hora em que o general Figueiredo assumirá os destinos do Brasil. Graves problemas lhe serão postos para resolver, mas sabemos que ele aceitou esse encargo por ser um brasileiro de fibra desejoso de ver este País mais humano e mais fácil de se viver. A tarefa não é fácil, porém, se bem assessorado, este nosso Brasil ainda está em tempo de ser remediado.

"Como esse trabalho não vai depender exclusivamente de S. Exa., gostaria de sugerir-lhe que todos os seus futuros colaboradores, inclusive governadores e os que vão assumir cargos de responsabilidade, jurassem perante Deus, e sobre a Bíblia, fidelidade, honestidade, responsabilidade, humanidade, como manda a lei de Deus. Esse ato de amor à pátria poderia ser feito através da televisão, para todo brasileiro testemunhar."

Sr. Luís A. Lettiere (Capital, SP).

Não brinca

"Agora, o continuador da Revolução, general João Batista Figueiredo, será o executor da democracia tantas vezes definida pelo presidente Geisel. Já foi dito aqui na terrinha onde resido que o general Figueiredo não brinca em serviço. Que se acautelem, portanto, as velhas raposas da nossa politicagem extinta e combatida pela Revolução, politicagem que não conseguiu levantar o gigante pela própria natureza, mesmo fazendo parte do governo por mais de 50 anos."

Sr. João Batista Campos Toledo (Bauru, SP).

AO PÚBLICO

O Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo, comunica que, a partir de hoje, os preços de venda dos jornais abaixo mencionados serão os seguintes:

	Diariamente Cr$
FOLHA DE S. PAULO	7,00
O ESTADO DE S. PAULO * * *	7,00 * *
FOLHA DA TARDE	7,00 *
JORNAL DA TARDE	7,00 *
DIÁRIO POPULAR	7,00
POPULAR DA TARDE	7,00
DIÁRIO DE S. PAULO	7,00 * *
A GAZETA ESPORTIVA	7,00
DIÁRIO DA NOITE	6,00 *
A GAZETA	7,00 *
ULTIMA HORA	7,00
NOTICIAS POPULARES	6,00
CIDADE DE SANTOS	6,00
A TRIBUNA (Santos)	7,00

* Não circulam aos domingos
* * Não circulam às segundas-feiras
* * * Aos domingos Cr$ 8,00

A Diretoria

A transmissão do poder

No Congresso, o juramento e a posse

Com a presença apenas de convidados, o general Figueiredo torna-se o 5º presidente pós-64

Das Sucursais

Com a recusa do líder do MDB na Câmara, deputado Freitas Nobre, em participar da comitiva que recebeu o general João Batista Figueiredo à entrada do Congresso, o novo presidente da República, o 5.º do período pós-1964, foi empossado ontem, em Brasília, às 10 horas e três minutos.

O plenário e as galerias da Câmara estavam lotados, quando o general Figueiredo, cumprindo o artigo 76 da Constituição Federal, fez seu juramento: "Prometo manter, defender e cumprir a Constituição, observar as leis, promover o bem geral e sustentar a União, a integridade e a independência do Brasil."

O ato de posse, assistido por diversas delegações de países amigos e que contou com a presença de quatro chefes de governo — general Alfredo Stroessner, presidente do Paraguai; general David Padilha Aranchbia, presidente da Bolívia; Carlos Alberto da Mota Pinto, primeiro-ministro de Portugal e Henck Alphonsus Arron, ministro-presidente do Suriname — durou 21 minutos. Já empossado, o general João Batista Figueiredo, acompanhado pelo vice-presidente Aureliano de Andrade Mendonça Chaves, que prestara o mesmo juramento, dirigiu-se ao Palácio do Planalto onde, na segunda solenidade prevista, recebeu a faixa presidencial das mãos do general Ernesto Geisel, assumindo de fato e de direito o cargo de presidente da República Federativa do Brasil.

Os atos de posse e transmissão da faixa presidencial foram assistidos apenas por convidados, e, mesmo nas ruas de Brasília, era pequena a presença de populares, em sua maior parte estudantes trazidos à Capital Federal pela Liga de Defesa Nacional. No Congresso, o ambiente foi classificado como de frieza e alguma tensão. O próprio general João Batista Figueiredo manteve-se tenso durante todo o tempo em que permaneceu na Câmara, o que impediu, em grande parte, aproveitar oportunidades surgidas de manter diálogo com oposicionistas.

Cercado constantemente por arenistas que buscavam abraçá-lo, o novo presidente apenas abraçou, à saída do Congresso, o senador arenista Daniel Krieger e cumprimentou com um aperto de mão o secretário-geral do MDB, deputado Tales Ramalho, que assistiu à posse em sua cadeira de rodas.

Além dos convidados especiais e de parlamentares — entre os quais as ausências mais notadas foram de senadores emedebistas, principalmente do paulista Franco Montoro que, apesar de estar no Congresso, permaneceu em seu gabinete — assistiram à solenidade de posse todos os ministros do novo governo e os comandantes das três armas.

Figueiredo presta juramento à Constituição. A sua esquerda, o senador Luís Viana Filho, e o vice-presidente Aureliano

Em 20 minutos, um novo presidente

Apesar de ser feriado escolar e ponto facultativo em Brasília, pouco mais de 3.300 pessoas, das quais 3.000 eram escolares levados à capital pela Liga de Defesa Nacional, assistiram à chegada do general João Batista Figueiredo ao Congresso Nacional para ser empossado na Presidência da República, numa cerimônia que durou pouco mais de 20 minutos.

Cumprindo rigorosamente o horário estabelecido para as solenidades de posse, o Rolls Royce cedido pelo Itamarati para conduzir o general Figueiredo ao Congresso estacionou às 9h50 diante da rampa que dá acesso ao Senado, onde os diretores-gerais das duas casas do Legislativo, Aiman Nogueira da Gama e Paulo Afonso Viana e a secretaria-geral da mesa do Senado, Ara Abrahão, o receberam.

Acompanhado dos seus chefes dos Gabinetes Civil e Militar, Golberi do Couto e Silva e General Danilo Venturini, Figueiredo seguiu para o salão nobre do Congresso, que foi interditado à imprensa. Lá deveria ter sido recepcionado pelas lideranças da Arena e do MDB, houve porém um ligeiro desencontro, pois os líderes partidários aguardavam o general Figueiredo na entrada do salão principal da Câmara. Minutos depois, a comissão formada pelos senadores José Sarnei, Lázaro Machado e Jarbas Passarinho, da Arena, e Paulo Brossard, do MDB, e pelos deputados Célio Borja, Nelson Marchezan e Wilson Braga, da Arena, e Renato Azeredo e Epitácio Cafeteira, do MDB, encontrou-se com o general Figueiredo para introduzi-lo no plenario da Câmara, onde foi empossado.

TENSÃO

No trajeto entre o salão nobre e o plenário, cerca de 50 pessoas, a maioria funcionários do Congresso, ao aplaudi-lo timidamente, conseguiram fazer com que o general Figueiredo se descontraísse pela primeira vez, desde sua chegada ao Legislativo. O senador emedebista Lázaro Barbosa (GO), numa tentativa de romper a tensão e o silêncio, fez uma brincadeira com o novo vice-presidente, Aureliano Chaves, mas sem muito sucesso:

"Aureliano, estou gostando de ver que você está mais esbelto, o que lhe concede uma aparência mais jovem. É efeito da ginástica?", disse o emedebista.

Antes de Aureliano Chaves poder responder, o deputado Nelson Marchezan resolveu entrar na conversa, afirmando: "É porque o doutor Aureliano está, naturalmente, contaminado pelo ritmo da ginástica do presidente. Ele está copiando o presidente".

Aureliano desmentiu: "Não. A minha ginástica é outra, diferente da do presidente. Eu sou é levantador de peso".

Alguém do grupo aproveitou a oportunidade para elogiar Figueiredo: "O senhor está perdendo peso hein? Está ficando elegante". Figueiredo cortou a conversa: "Isso é por conta da minha esposa que não me deixa comer".

MILITARES

Os ministros do general Figueiredo começaram a chegar ao Congresso por volta das 9h30. O primeiro foi Walter Pires, do Exército, que conversou com todos que o procuraram mas se recusou a falar de política, pedindo que esperassem seu discurso de posse, em que diria tudo o que pensa. Muito menos quis comentar a greve dos metalúrgicos do ABC, assunto "para políticos" do qual "não gosto nem de ouvir falar".

Já o ministro Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica, não se negou a comentários políticos ou a falar da greve, que, segundo ele, o novo governo saberá contornar. Dos três ministros militares, Délio Jardim de Mattos era o mais acessível, tanto aos jornalistas quanto aos políticos, e inclusive fez questão de cumprimentar o presidente do MDB, deputado Ulisses Guimarães. O ministro da Marinha, Maximiano da Fonseca, também não quis fazer declarações, argumentando que, "depois que o presidente Figueiredo jurou que faria deste País uma democracia, não há mais o que se comentar". O ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, José Maria Andrade Serpa, manteve-se o tempo todo afastado da imprensa, conversando longamente com o presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner.

POSSE

Às 10h01, Figueiredo e Aureliano entraram no plenário da Câmara, cujas galerias estavam completamente lotadas desde as 9h30, com a presença das delegações de 99 países do corpo diplomático e de todos os ministros do novo governo. Estes ficaram na primeira fila, do lado direito. Do lado esquerdo, os presidentes do Paraguai, Alfredo Stroessner, e da Bolívia, David Padilla.

Às 10h03, o general Figueiredo fez o juramento tradicional e assinou o termo de posse, tornando-se formalmente o novo presidente do País. Depois de Aureliano Chaves fazer seu juramento e assinar o compromisso de posse, o presidente da mesa do Congresso, senador Luiz Vianna, encerrou a sessão solene, que durou 21 minutos, pedindo licença a Figueiredo para, "numa síntese que recebemos de nossos antepassados mas que bem exprime a confiança e a esperança da Nação brasileira, dizer Deus guarde Vossa Excelência" — cumprimento que, ironicamente, o deputado oposicionista Fernando Lira classificou de "muito original, muito original".

Já presidente empossado, e bastante emocionado, Figueiredo deixou o plenário da Câmara andando rapidamente, num ritmo que Aureliano Chaves não acompanhou, obrigando o novo presidente a esperar seu vice no alto da rampa. No momento de sair do Congresso para ouvir a salva de 21 tiros de canhão e passar em revista a guarda formada em sua honra, Figueiredo ainda ouviu uma piadinha do deputado Marchezan, que, observando ter o general assinado o termo de posse com a mão esquerda, disse-lhe: "Com isso o senhor ganhou todo o MDB".

"INJUSTIÇA"

Figueiredo, virando-se para o senador Paulo Brossard (o único emedebista que ainda o acompanhava), respondeu: "Você está fazendo injustiça com o senador Brossard aqui presente e todo o MDB".

Brossard limitou-se a dar um sorriso amarelo em resposta ao comentário do novo presidente.

Quatro caças supersônicos Mirage, da 1.ª Ala de Defesa Aérea, em vôo rasante, e uma salva de palmas dos escolares da Liga de Defesa Nacional e dos poucos populares presentes saudaram o novo presidente quando ele deixou o Congresso. O coronel José Moredson, comandante do Regimento de Cavalaria de Guardas, logo após a execução do Hino Nacional, que Figueiredo ouviu impassível, olhando a bandeira nacional, acompanhou o novo presidente na revista à guarda de honra formada por contingentes da Aeronáutica, Fuzileiros Navais e Dragões da Independência.

Só ao sentar-se novamente no Rolls Royce, para dirigir-se ao Palácio do Planalto, é que Figueiredo relaxou e deu um suspiro. Nesse momento, um estudante da caravana da Liga de Defesa Nacional tentou aproximar-se do presidente. Contido pela segurança, o jovem gritou: "Figueiredo. Tamos lá". O presidente respondeu com um "obrigado" e o carro partiu para a cerimônia de transmissão da faixa presidencial.

OPOSICIONISTAS

"Obrigado pela colaboração", disse o presidente do Congresso, Luiz Viana Filho, ao despedir-se do senador Paulo Brossard, ao fim da cerimônia de posse do novo presidente. O líder da Oposição indagou: "Então estou desobrigado?". E Luiz Viana acrescentou: "Aqui, sim, mas ainda há um lugar para o senhor no Palácio do Planalto e depois na recepção do Itamarati".

Como na posse do general Ernesto Geisel, os emedebistas compareceram à solenidade de ontem no Congresso, mas com algumas ausências que foram particularmente notadas, em especial a do líder da Oposição na Câmara, deputado Freitas Nobre, que pediu à mesa para nem sequer ser convidado a participar da comitiva que recepcionou Figueiredo.

Freitas Nobre e seu vice-líder, Elquisson Soares (BA), também do grupo autêntico, estavam no plenário da Câmara para a cerimônia, mas permaneceram de braços cruzados e só bateram palmas ao ser executado o Hino Nacional. Eram os únicos autênticos presentes à solenidade. Os vice-líderes e também autênticos Marcondes Gadelha (PB) e Fernando Lira (PE) só assistiram parte da cerimônia, de pé, perto da entrada do plenário. Elquisson justificou sua presença afirmando que fora "respaldar" Freitas Nobre.

Dos 189 deputados oposicionistas, 70 compareceram à solenidade, assim como 19 dos 25 senadores. Não foram ver a posse de Figueiredo os senadores paulistas Orestes Quércia e Franco Montoro, o fluminense Roberto Saturnino, o goiano Henrique Santillo, o gaúcho Pedro Simon e o amazonense Evandro Carreira. Montoro, que chegou a Brasília ontem de manhã, procedente de Caracas, onde assistira à posse do novo presidente venezuelano, Herrera Campins, chegou a tempo de assistir à cerimônia da posse de Figueiredo. Porém preferiu ficar em seu gabinete a comparecer ao plenário da Câmara.

Aos repórteres, Montoro disse que preferia ficar no gabinete para "guardar a imagem da festa democrática" que presenciara em Caracas. Destacou o fato de todos os atos da posse de Herrera Campins terem sido realizados no Congresso, inclusive a transmissão da faixa presidencial, acrescentando que "cerca de dez mil pessoas cercavam o Congresso saudando entusiasticamente o início de um novo governo, numa verdadeira festa popular".

Seguido de Aureliano, Figueiredo cumprimenta parlamentares no recinto da Câmara.

Brossard no plenário da Câmara. Ao seu lado, José Sarnei.

A Oposição foi, viu, ouviu e não gostou

A Oposição compareceu à posse do general João Batista Figueiredo realizada no Congresso, seguiu à risca as instruções da mesa que dirigiu a solenidade. Viu, viu, ouviu e — pelos comentários que fez — não gostou.

Na sala do café da Câmara, reduto de retardatários e descontentes tradicionais, os oposicionistas do MDB eram francamente majoritários. Quando o general João Batista Figueiredo e o professor Aureliano Chaves passaram rumo ao plenário, cercados de agentes de segurança e jornalistas, não houve ali nenhum aplauso.

O deputado Aloísio Paraguaçu, emedebista gaúcho, em roupas esportivas, nem levantou a cabeça para ver o que se passava, pois, na ocasião, muito concentrado, preenchia um volante da Loteria Esportiva, a pedido de um menino.

Perto dali, o senador Marcos Freire e o deputado Fernando Lira, ambos do MDB de Pernambuco, comentavam a manifestação feita pelo presidente do Senado, Luís Viana Filho, pouco antes de encerrar-se a cerimônia de posse ("que Deus ajude vossa excelência!").

"Muito original, muito original", ironizava Lira.

PÉ MACHUCADO

O senador Teotônio Vilela, arenista de Alagoas, mas que, dentro de alguns dias, deverá transferir-se para o MDB, estava com um dos pés machucado e por isso usava um chinelo. Diante da intensa movimentação, ele não tinha nenhum entusiasmo. "Cumpriu-se apenas o aspecto constitucional", dizia ele, a caminho da sala do café.

Depois, evitando as pessoas que corriam apressadas atrás dos novos dirigentes do País, ele acrescentou: "Tomou posse e acabou. Falar mais é até pecado."

Aproximando-se de parlamentares do MDB, Teotônio revelou sua expectativa quanto ao general Figueiredo: "Que ele marque eleições gerais para daqui a dois anos, conceda anistia e acate uma Assembléia Constituinte."

O presidente do MDB, deputado Ulisses Guimarães, que permanecera impassível durante a solenidade, ouviu as observações de vários correligionários sobre o acontecimento. O baiano Elquisson Soares disse-lhe que "em 1.º de fevereiro, quando os novos parlamentares se empossaram, houve muito mais entusiasmo e calor humano, porque as galerias, na oportunidade, consagravam representantes eleitos diretamente pelo povo."

Como de hábito, Ulisses ouviu a observação, levantou as sobrancelhas, dizendo em voz pouco audível que "nem tinha reparado."

O senador Tancredo Neves, do MDB de Minas, ouviu reclamações de diversos companheiros de partido e no final, ironicamente, disse ao paulista Pacheco Chaves: "Conforme-se: seis anos passam depressa..."

A qualquer parlamentar, interessado em acompanhar todos os passos da solenidade de posse, era praticamente impossível não perder pormenores importantes.

Após a sessão na Câmara, quando o general Figueiredo e o professor Aureliano Chaves deixavam o palácio do Congresso a fim de ouvir o Hino Nacional, executados pela Banda do Corpo de Fuzileiros Navais, não faltaram, na comitiva de ambos, os srs. Jarbas Passarinho (líder da maioria no Senado), Nélson Marchezan (líder na Câmara) e o deputado Wilson Braga, primeiro-secretário da Câmara. Encerrada a nova etapa da festa, os três desciam pelos gramados do parlamento, até alcançarem a pista dos automóveis. Estavam distraídos e não perceberam que, atrás deles, marchava a Banda dos Fuzileiros, de volta ao quartel. Tiveram de apertar o passo e procurar outro rumo, para deixar o caminho livre.

CORAÇÃO

Antes de despedir-se, o sr. Petrônio Portela confidenciava que iria para o Ministério da Justiça "mas deixava o coração no parlamento".

"São doze anos de bom relacionamento, de boas lembranças, embora não faltem dissabores e derretas", afirmou.

Depois, como suas conversas informais tivessem sido gravadas por alguns repórteres de rádio, ele explicou que não queria censurar ninguém, mas — como disse — "evitar inconvenientes", e pediu que não usassem nada que pudesse ferir qualquer pessoa.

Um repórter indagou-lhe se o governo estaria preocupado com as greves. "Não, está tudo bem", respondeu.

"Mas se a greve se agravar?" — insistiu o repórter.

"Dá-se um jeito", disse Petrônio.

"E se isso não for possível?"

"Meu filho — encerrou o ministro da Justiça — que é que você quer? Que eu baixe o pau? Isso, nunca".

Comentário de Ulisses Guimarães: "Urge — e já estamos atrasados — reformular a situação política, econômica e social do País. A herança é trágica, pois é de arbítrio e usurpação de poder", disse sobre a posse, destacando que o MDB "fiscalizará o novo governo, fazendo-lhe oposição".

DELFIM

Durante a solenidade no Congresso, o novo ministro da Agricultura, Delfim Neto, ao ser indagado sobre os rumores de que haveria um choque de correntes no governo, entre ele, Andreazza e Resende, de um lado, e Simonsen, Medeiros e Colberi do outro, respondeu: "Isto é uma loucura. Ninguém combateu a inflação como eu combati".

Boliviano foi esquecido nos cumprimentos

O general João Batista Figueiredo cometeu ontem a primeira gafe de seu governo dois minutos depois de empossado: foi quando desceu da tribuna do Congresso e, ignorando o presidente da Bolívia, general David Padilla, cumprimentou apenas o presidente do Paraguai, general Alfredo Stroessner, que estava ao lado.

Embora estivesse todo paramentado, com medalhas, faixas e um uniforme colorido, o presidente boliviano não recebeu sequer o olhar do presidente Figueiredo, que só teve atenção para com o general Stroessner e seu acompanhante, o general brasileiro Ênio Gouveia.

OMISSÃO REPARADA

O episódio foi reparado pelos diplomatas, sobretudo pelo novo chanceler Ramiro Guerreiro, que estava próximo. Mais tarde, ele procurou desfazer qualquer impressão de mal-entendido, observando que o presidente Figueiredo recebeu pouco depois, no Palácio do Planalto, os dois chefes de Estado, tendo os três mantido uma conversa descontraída. Guerreiro afirmou também que o temperamento extrovertido do presidente Figueiredo não será motivo para preocupações dos diplomatas, assinalando que prevê o contrário: sua descontração e conversa aberta contribuirá para que ele tenha diálogos francos e cordiais.

OS ESTRANGEIROS

As missões dos 98 países estrangeiros e da OEA, compareceram ontem ao Congresso Nacional, onde lotaram as galerias da Câmara. As únicas exceções foram representadas pelos presidentes da Bolívia e do Paraguai, que tiveram acesso ao plenário, ocupando a primeira fileira em frente da tribuna.

O policiamento no interior do Congresso foi discreto, efetuado por agentes das duas casas do Parlamento. A embaixada dos Estados Unidos, porém, fez questão de destacar um pelotão de policiais para acompanhar a sra. Joan Mondale, que, inclusive, não dispôs de lugar especial, permanecendo como todas as demais personalidades estrangeiras nos bancos incômodos da galeria da Câmara.

O presidente paraguaio foi a primeira personalidade estrangeira a aparecer no plenário da Câmara, onde chegou por volta das 9h30. Conversou sucessivamente com o deputado Célio Borja (Arena-RJ), o senador José Sarnei (Arena-MA), o general Andrade Serpa e o ministro Saraiva Guerreiro, novo chanceler. O líder da minoria no Senado, Paulo Brossard, chegou até sua presença, mas não o cumprimentou, limitando-se a estender a mão ao general Ênio Gouveia, acompanhante de Stroessner.

A homenagem da patrulha da madrugada

O dia do general João Batista Figueiredo começou, ontem, com bastante movimento e emoção. Logo após levantar-se às 7 horas e tomar café — café, leite, ovos — o general Figueiredo, ainda na Granja do Torto pouco antes de se dirigir para o Congresso Nacional, foi alvo de várias homenagens, que o deixaram visivelmente emocionado. A primeira delas, quando saiu à porta de sua residência, foi prestada pela "patrulha da madrugada", composta de 23 amigos civis e militares, que com ele praticavam equitação todas as manhãs. Em seguida, a banda do 1.º Regimento de Cavalaria de Guardas — os Dragões da Independência — tocou e cantou a "Alvorada". Um de seus amigos — o advogado José David — entregou-lhe um quadro da pintora primitivista Maria do Carmo Fortes, que representava uma porteira se abrindo e acompanhado do seguinte bilhete: "General Figueiredo, atravesse o portão que o povo o espera de braços abertos". Ao recebê-lo, o general Figueiredo comentou: "É bom que a porta esteja entreaberta".

LEMBRANÇAS

Também no mesmo local, o general Figueiredo recebeu do coronel Mariano Miran o estandarte dos "Dragões da Independência", composto de margaridas amarelas e vermelhas e de cipreste verde. O general Figueiredo chegou, recebeu as homenagens e pronunciou as seguintes palavras de agradecimento:

"Meus amigos da "patrulha da madrugada": eu sabia que alguma coisa estava sendo preparada para mim. Mas não esperava que tivessem sido convocados tantos companheiros e tantos amigos. Posso dizer, com segurança, que os que aqui estão e que não me viram tenente ou capitão, aqueles que me conheceram já como general, me conheceram com o mesmo espírito. Um pouco desse espírito eu trouxe da casa paterna. Mas muito desse espírito, talvez a maior parte dele, eu adquiri no contato com os senhores, e nos meus tempos de tenente e capitão, quando alguns dos senhores eram ainda cadetes, e nas minhas andanças pela Cavalaria, com passagem pelos Dragões da Independência. Esse espírito eu vejo aqui presente. Todos irmanados, soldados, sargentos e civis. Esse mesmo espírito, ao receber essa homenagem, eu peço a cada um dos senhores, que resguardem, porque de todas as coisas sãs, o Exército ensinou a cada um de nós esse espírito de camaradagem, de humildade, de amizade, de entusiasmo, de simplicidade; e, principalmente, que cada um seja o que é, sem fantasia e sem disfarce. É desse espírito que nosso país está precisando. Esse espírito que alguns dizem que é meu. Mas que eu aprendi no dia-a-dia, do toque de alvorada ao toque de silêncio, com cada sargento, com cada um de meus oficiais. Muito obrigado."

RUMO À POSSE

Depois das homenagens, o general Figueiredo conversou descontraídamente com todos os presentes — inclusive o seu inseparável amigo e futuro governador do Distrito Federal, Aime Lamaison, com quem tomou o café da manhã — tendo também mantido um diálogo cordial com os jornalistas que o aguardavam. Disse que não podia falar sobre política, mas confessou que "a gente sempre espera que o pessoal esteja preparando uma armadilha para a gente" (referindo-se à surpresa oferecida pela "patrulha da madrugada"). Disse estar muito emocionado, pois "há coronéis aqui que eu conheci garoto". Informou ter dormido tarde — à 1 hora da madrugada — "pois fiquei brincando com minha neta" (Tatiana). Depois de tomar cafezinho com os jornalistas, entrou no carro placa OF-1642 juntamente com o seu chefe de Gabinete Militar, general Danilo Venturini, e, seguido de mais dois carros — nos quais estavam o governador Lamaison, assessores e agentes de segurança — dirigiu-se para o prédio do Ministério do Interior, de onde, juntamente com o vice-presidente, Aureliano Chaves, e os chefes de Gabinete Civil e Militar, Golberi do Couto e Danilo Venturini, foi para o Congresso Nacional, em carro aberto.

A transmissão do poder

Figueiredo reafirma gesto de conciliação

"Reafirmo: não descansarei até estar plenamente assegurado — sem sobressaltos — o gozo de todos os direitos do homem e do cidadão, inscritos na Constituição. Reafirmo o meu gesto: a mão estendida em conciliação, para que os brasileiros convivam pacificamente, para que as divergências se discutam e resolvam na harmonia e na boa vontade, tão da índole de nossa gente. Reafirmo a dedicação total, minha e de meu governo, ao ideal, plenamente atingível em nossos dias, de propiciar condições dignas de vida a cada cidadão".

Este compromisso foi assumido pelo presidente general João Batista Figueiredo, no discurso que pronunciou quando da transmissão da faixa presidencial no Palácio do Planalto. Figueiredo, já empossado no cargo de presidente da República, chegou às 11h40 no Palácio do Planalto. O "Rolls Royce" conversível que o conduzia entrou pela garagem privativa e, ao descer do carro, o general foi recebido pelo ministro-chefe do Gabinete Militar, Moraes Rego, que o conduziu, pelo elevador especial do presidente, até o gabinete de Geisel, no 3.º andar.

Além do general Geisel, aguardavam Figueiredo o vice-presidente Adalberto Pereira dos Santos e todos os ministros do governo que termina que cumprimentaram o novo presidente e se retiraram. Houve, então, uma rápida reunião entre Figueiredo, Geisel e o presidente do Paraguai, Alfredo Stroessner que, em seguida, encaminhou-se para o Salão de Honra.

A CERIMÔNIA

Pontualmente, às 11 horas, conforme estava previsto no programa, Geisel e Figueiredo desceram pela rampa interna do palácio, acompanhados de seus chefes de Gabinete Militar, Moraes Rego e Danilo Venturini, e chegaram ao púlpito instalado no Salão de Honra, situado no segundo andar. Atrás deles, se postaram os dois vice-presidentes e os antigos e novos ministros. Do lado direito, os familiares, à frente, as 99 missões estrangeiras, à esquerda, os convidados especiais. No "mezzanino" do 3.º andar, acotovelavam-se cerca de 300 jornalistas, procurando acompanhar a cena.

Iniciada a cerimônia, o general Ernesto Geisel iniciou a leitura de seu discurso, afirmando ter plena convicção de que Figueiredo "exercerá brilhantemente, com suas aptidões pessoais, provadas e confirmadas ao longo de toda uma existência dedicada à causa pública" o cargo de presidente, e agradecendo-lhe por "libertar-me para ir e vir, discretamente a sós quando isso me apetecer, para viver a vida pacata de um simples cidadão, para dizer, alto e bom som, o que quiser e para criticar como tantos, com acrimonia impiedosa, mas gratificante, as ações e omissões dos outros".

Ao final do discurso, uma funcionária do Planalto entregou a faixa presidencial — já um tanto gasta, pois foi usada pela primeira vez por Artur Bernardes, que assumiu a presidência em 1922 — ao chefe do cerimonial do Palácio, Jorge Ribeiro, que ajudou Geisel a colocá-la em Figueiredo.

Em seguida, Figueiredo iniciou seu pronunciamento, que foi diversas vezes interrompido por aplausos, os mais demorados na parte em que reafirmou seu compromisso em fazer do Brasil uma democracia.

Quebrando o protocolo, Figueiredo acompanhou, ao final da cerimônia, o ex-presidente até o pé da rampa principal do palácio. Os dois abraçaram-se demoradamente e se despediram. Nessa hora, alguns escolares da Liga de Defesa Nacional furaram o bloqueio e entregaram a Geisel uma bandeira como presente da caravana.

Acompanhando Geisel e Figueiredo desceram os generais Danilo Venturini e Moraes Rego. O ex-vice-presidente da República, general Adalberto Pereira dos Santos, deixou o Palácio do Planalto também pela rampa principal, às 11h45, logo depois que o presidente e o vice-presidente que acabavam de assumir, dirigiram-se ao parlatório, ao som do "Guarani", de Carlos Gomes, para ouvirem o Hino Nacional. O general Adalberto foi levado até a porta de seu carro pelo vice-presidente Aureliano Chaves, com quem conversou por alguns minutos antes de embarcar.

Terminada a execução do Hino Nacional, quando houve uma revoada de pombos e foguetes espoucaram, Figueiredo acenou rapidamente para os escolares e populares que se mantinham em frente ao palácio e retirou-se para seu gabinete, onde manteve reuniões separadas com os presidentes da Bolívia, David Padilha, e do Paraguai, Alfredo Stroessner.

REUNIÃO

Às 12h05, Figueiredo levou Stroessner e Padilha até a porta do palácio e, na volta, demorou-se cerca de 30 minutos cumprimentando parentes, amigos de parentes e amigos de amigos. Como resultado disso, a cerimônia de posse de seus ministros foi atrasada em mais de meia hora.

As 12h40, o novo presidente e seus ministros desceram para o Salão Leste, onde posaram para a primeira foto oficial. Solenemente, Figueiredo colocou-se entre Aureliano e Petrônio Portela. Depois da foto, houve um pequeno incidente: uma senhora excentricamente vestida e maquiada à moda dos anos 50, aproximou-se dele e apresentou-se como Katia Castellana, jornalista, cartomante e cantora residente no México.

"Eu já cantei para seis chefes de Estado, inclusive Peron, Franco e Lopes Portilo. Espero que o senhor seja o sétimo": disse ela a Figueiredo. O coordenador do esquema de segurança no local chamou um agente e ordenou que ela fosse imediatamente retirada do palácio.

As 12h50, depois de despedir-se dos parentes, na rampa do palácio, onde os dragões da Independência estavam perfilados há mais de três horas, Figueiredo deixou o Palácio do Planalto, indo almoçar na granja do Torto.

ESCOLARES

A essa hora, ainda permaneciam em frente ao palácio os 3.000 escolares trazidos pela Liga de Defesa Nacional, um de cada município brasileiro. Eles foram praticamente os únicos não convidados especiais a se postarem na praça os Três Poderes. Além dos escolares, apenas cerca de cem populares foram à praça.

Os escolares permaneceram, divididos por Estados e com bonés amarelos na cabeça, durante todo o tempo que durou a solenidade. Quando o novo presidente passou em frente ao palácio, ouviram-se aplausos e alguns gritos de "Figueiredo! Figueiredo!". Após a saída do general, seguido pelas autoridades e convidados os escolares dispersaram-se pelos ônibus que os levariam aos alojamentos.

Em carro aberto, sorridente, Figueiredo acena para o povo.

Geisel lembra que já é livre para criticar

Esta é a íntegra do discurso pronunciado pelo general Ernesto Geisel, no ato de transmissão do cargo:

"Nesta cerimônia tão singela e formal, após haver vossa excelência, senhor João Batista de Oliveira Figueiredo, tomado posse como presidente da República, perante o Congresso Nacional, cabe-me transmitir-lhe a chefia da Nação, entregando-lhe o símbolo da autoridade presidencial.

"Faço-o com profunda e justificada satisfação por ver vossa excelência ascender à suprema magistratura do Brasil, cargo que tenho plena convicção — exercerá brilhantemente, com suas aptidões pessoais, provadas e confirmadas ao longo de toda uma existência dedicada à causa pública. Satisfação por libertar-me, após cinco longos anos absorvidos por incessantes trabalhos e cuidados, da imensa responsabilidade, inerente ao exercício do governo, que sobre mim pesava, e também por libertar-me para ir e vir, discretamente a sós quando isso me apetecer, para viver a vida pacata de um simples cidadão, para dizer, alto e bom som, o que quiser e para criticar como tantos, com acrimônia impiedosa mas gratificante, as ações e omissões dos outros. Satisfação, ainda, por poder recolher-me ao lar com a consciência tranquila de haver cumprido, sem omissão, o meu alto dever, dentro do limite de minhas forças.

"Realizamos, nesses cinco anos, tarefa ingente, obedecendo, com determinação e sem fraudar a confiança em nós depositada, os ditames da nossa revolução: com ordem garantida e desenvolvimento integrado, proporcionar o progresso nacional, objetivando assegurar bem-estar ao homem brasileiro.

"Num período de tão fortes e bruscos desbalanços na conjuntura mundial, tivemos insofismável crescimento real e seguro, posto que não brilhante, da economia do País. Realizamos, sem dúvida, efetivo progresso social, melhorando a qualidade de vida da população, tanto nos grandes centros apinhados de migrantes, como no interior ainda desassistido de muito. A integração nacional tornou-se mais sólida e íntima, pela maior vinculação das diferentes áreas do País, pelo contínuo esforço para vencer os desequilíbrios regionais e, notadamente, pelo extraordinário espírito de união que caracteriza nossa gente. Somos hoje uma nação que se projeta mais e mais no cenário mundial, amadurecida e responsável, gozando de sólida credibilidade internacional e dia-a-dia menos vulnerável a pressões quaisquer que venham do exterior. Somos um povo que se reencontra, alviçareiro, com sua destinação democrática, aperfeiçoando gradualmente suas instituições políticas e sua dinâmica partidária.

"Todas as realizações que se possam apontar em meu governo são fruto, em essência, de um contínuo e coordenado esforço comum em que me cabe reconhecer e agradecer: a atuação esclarecida e operosa dos ilustres ministros de Estado; a cooperação harmônica dos poderes Legislativo e Judiciário; a coesão das Forças Armadas; o entrosamento com os governos estaduais; o apoio permanente da Aliança Renovadora Nacional; o trabalho produtivo dos diferentes escalões e entidades governamentais, particularmente de seu corpo de funcionários e, sobretudo, com destaque especial, a compreensão e apoio do povo que, resignado e bom, em meio às naturais dificuldades da vida, em todos os recantos do nosso imenso País, onde com ele pude conviver, em, às vezes, breves encontros, mas sempre em reencontros de elevados sentimentos cívicos, soube manifestar enternecedora comunhão e simpatia na frase, no gesto, na comoção contagiante com a pessoa de seu presidente.

"Essas, aliás, as fontes do realento na dura jornada presidencial, em que há de renovar-se diariamente o ânimo para enfrentar dificuldades de grandeza correspondente à magnitude das aspirações de nossa gente.

"Dificuldades que vossa excelência igualmente enfrentará, pois sempre existiram e existirão, próprias de um país continente cuja infra-estrutura ainda não se ajusta ao ímpeto de progredir com celeridade crescente, dificuldades próprias de uma nação jovem, em franca evolução, inabalavelmente determinada a realizar, sem mais demora, o destino grandioso que Deus lhe reserva.

"Faço votos, senhor presidente, de que sob a condução esclarecida e enérgica de vossa excelência, prossiga o País em sua marcha ascensional para esse futuro bem mais adulto de grandeza, de justiça e de paz.

"E, em particular, que nossa vulnerável e tenra democracia brasileira — na imanente relatividade que é o que lhe assegura oportunidades sempre novas de adaptação e melhoria crescentes — se robusteça e reafirme como uma democracia bem integrada nos planos econômico, social e político.

"À vossa excelência, senhor presidente, que Deus o proteja.

Já com a faixa de presidente, Figueiredo discursa.

Após passar a faixa presidencial, Geisel faz seu discurso.

"Assegurar um país democrático"

É a seguinte a íntegra do discurso do general João Batista Figueiredo, pronunciado ao receber a faixa presidencial das mãos do general Ernesto Geisel:

"Excelentíssimo senhor presidente Ernesto Geisel:

"Os passos de vossa excelência, eu os acompanhei em toda a minha vida. Para mim, Ernesto Geisel sempre foi exemplo de virtudes militares e cívicas a seguir e emular.

"Deus me premiou ao fazer-me receber esta faixa, insígnia da mais alta magistratura de nossa pátria, das mãos honradas de vossa excelência.

"O elogio de seu governo, melhor do que eu, toda a Nação o faz. Toda a Nação aí está para dar testemunho da história real dos cinco anos que hoje se encerram. Como seu antigo ministro, tudo o que diga será pouco.

"Vi vossa excelência sofrer com os que sofrem. Jamais tomar para si os momentos de alegria e de realização. Examinar questões e decidir no interesse exclusivo do bem da Nação e do povo.

"Vi quando mudou convicções amadurecidas, diante de soluções mais adequadas.

"Vi quando, entre tantas propostas conflitantes — ousou escolher a melhor, ainda que a menos popular.

"Vi a serena e patriótica lucidez de vossa excelência quando a despeito de duras crises, no âmbito nacional e internacional soube conduzir o País a um real progresso social e político.

"E peço a Deus que, ao sair deste palácio, daqui a seis anos, tenha percorrido o caminho exemplar de vossa excelência: caminho que é a própria história da nossa pátria.

"Excelentíssimo senhor vice-presidente Adalberto Pereira dos Santos:

"Dos cargos e funções públicas, poucos serão tão nobilitantes quanto aquele que é o próprio símbolo da continuidade constitucional.

"Ser vice-presidente da República — como tão bem demonstrou vossa excelência — é um constante exercício de humildade, modéstia e confiabilidade. A um passo do poder, cabe-lhe sobretudo, estar pronto a servir.

"Ao deixar a Vice-Presidência, sai vossa excelência cercado do respeito dos brasileiros e agasalhado na estima de todos, que tanto o apreciamos.

"Excelentíssimo senhor general-de-Exército Alfredo Stroessner, presidente da República do Paraguai; excelentíssimo senhor general-de-divisão David Padilha Arancibia, presidente da República da Bolívia; excelentíssimo senhor doutor Carlos Alberto da Mota Pinho, primeiro-ministro da República Portuguesa; excelentíssimo senhor doutor Henck Alphonsus Arron, ministro-presidente e ministro para Assuntos Gerais e Estrangeiros da República do Suriname; excelentíssimos senhores e senhoras chefes e membros das missões especiais que aqui vieram para assistir a minha posse:

"Honra-me especialmente a presença, nesta cerimônia, dos altos representantes de um número tão expressivo de nações, com as quais mantém o Brasil as melhores relações de amizade e de cooperação.

"A inalterável tradição de convivência harmoniosa, que caracteriza a diplomacia brasileira, inspira-me a reafirmar, neste momento, o roteiro proposto pelo barão do Rio Branco, no começo do século, para a política externa brasileira.

"O Brasil do futuro", disse ele, "há de continuar invariavelmente a confiar, acima de tudo, na força do Direito e no bom senso e, como hoje, pela sua cordura, desinteresse e amor da Justiça, procurar merecer a consideração e o afeto de todos os povos.

"Saúdo, com fraterno sentimento os representantes das nações de nossa comunidade latino-americana. Ao expressar o apreço pela presença de vossas excelências, ressalto a convicção de que os laços que nos unem serão ainda mais reforçados e enriquecidos.

"Vejo com satisfação a presença dos representantes de nações que, como o Brasil, se empenham na luta pela superação do subdesenvolvimento e pela construção de uma sociedade mais justa, nos planos nacional e internacional. Rogo que levem de volta a seus povos, na América Latina, Africa e Asia, a expressão da solidariedade, em tão nobre causa, do governo e do povo brasileiros.

"Recebo com especial contentamento a presença de representantes de nações africanas de recente independência. Toca-me profundamente o significado histórico de tal fato. Considero-o marco importante de um relacionamento, cujas perspectivas são tão amplas quanto entrelaçadas nossas raízes étnicas, linguísticas e culturais.

"Aos senhores representantes de todas as nações irmãs da Africa, transmito a certeza do continuado apoio do Brasil às aspirações dos povos daquele continente.

"Aos países desenvolvidos, da Europa Ocidental, das Américas e do Pacífico, aos quais nos ligam um precioso acervo de laços históricos e tantas identidades culturais, desejo expressar o constante empenho do Brasil numa aproximação crescente, para ainda maior benefício de nossos povos, e engrandecimentos dos valores comuns.

"Às nações com sistemas diferentes do nosso, reitero a disposição de manter um relacionamento profícuo e dinâmico. Desejamos aproveitar construtivamente todas as oportunidades de cooperação, com resguardo das singularidades sociais e políticas, na esperança de um caminho de paz.

"Senhores e senhoras: de regresso a seus países, a todos peço transmitir a seus governos a afirmação de que o Brasil será sempre um interlocutor amistoso, um parceiro leal.

"A mensagem deste Brasil generoso e hospitaleiro que peço levar de volta a seus povos é de otimismo e confiança em nosso futuro comum.

"Os meus votos pessoais são de prosperidade e de paz.

"Excelentíssimo senhor vice-presidente Antônio Aureliano Chaves de Mendonça; excelentíssimo senhor senador Luiz Viana Filho, presidente do Senado Federal; excelentíssimo senhor deputado Homero Santos, presidente em exercício da Câmara dos Deputados; excelentíssimo senhor ministro Antônio Neder, presidente do Supremo Tribunal Federal; excelentíssimos senhores ministros de Estado do governo Geisel, meus ministros de Estado; meus senhores, minhas senhoras:

"Para o vice-presidente Aureliano Chaves e para mim, as palavras do nosso juramento, perante o Congresso Nacional, não são expressões rituais ou protocolares. São o penhor de dedicarmos ao bem do povo brasileiro todas as nossas forças, todo o nosso caráter. Nele empenhamos honra e vida.

"Reafirmo, portanto, os compromissos da Revolução de 1964, de assegurar uma sociedade livre e democrática. Por todas as formas a seu alcance, assim fizeram, nas circunstâncias de seu tempo, os presidentes Castelo Branco, Costa e Silva, Emílio Médici e Ernesto Geisel.

"Reafirmo: é meu propósito inabalável — dentro daqueles princípios — fazer deste país uma democracia. As reformas do eminente presidente Ernesto Geisel, prosseguirão até que possam expressar-se as muitas facetas da opinião pública brasileira, purificado o processo das influências desfigurantes e comprometedoras de sua representatividade.

"Reafirmo: sustentarei a independência dos poderes do Estado e sua harmonia, fortalecendo, para que atinja sua plenitude, a Federação sonhada pelos fundadores desta pátria.

"Reafirmo: não descansarei até estar plenamente assegurado — sem sobressaltos — o gozo de todos os direitos do homem e do cidadão, inscritos na Constituição.

"Reafirmo o meu gesto: a mão estendida em conciliação, para que os brasileiros convivam pacificamente, para que as divergências se discutam e resolvam na harmonia e na boa vontade, tão da índole de nossa gente.

"Reafirmo a dedicação total, minha e de meu governo, ao ideal — plenamente atingível em nossos dias — de propiciar condições dignas de vida a cada cidadão, para que melhor se distribuam, entre todos, os frutos do trabalho de todos. Para que a riqueza nacional não seja meio de ostentação de uns e de opróbrio de outros. Para que não sobre a uns poucos o que a muitos falta. Para que as regiões e os Estados se diferenciem uns dos outros pela personalidade e pela tradição cultural, não pelo contraste entre a opulência e a privação injusta e inumana.

"Reafirmo a prioridade ao desenvolvimento agropecuário, como meio de prover rapidamente a elevação dos padrões alimentares do povo. Como forma de melhorar substancialmente a qualidade de vida nos campos.

"Reafirmo: o combate à inflação é condição preliminar do desenvolvimento, e será mantido com intensidade proporcional aos malefícios da elevação contínua dos preços.

"Reafirmo a decisão de promover o equilíbrio de nossas contas internacionais. Muito do progresso até hoje alcançado só foi possível pelo aporte de recursos de poupança externa. Penso, porém, dada a dimensão da economia brasileira, que devemos financiar, nos mesmos, os custos do nosso desenvolvimento.

"Reafirmo o propósito de fazer da cidade um chão e teto habitáveis. Não a troca da miséria pela promiscuidade. Não o câmbio de uma forma de pobreza por outra — tão mais cruel, porque mais próximos os bens da civilização.

"Reafirmo a minha determinação de garantir a cada trabalhador a remuneração justa — em relação ao trabalho produzido, às suas necessidades como chefes de família e a harmonia entre os vários segmentos da sociedade — recordando as imortais palavras do santo padre Leão 13.º: "do trabalho do operário nasce a grandeza das nações!

"Reafirmo: cada brasileiro tem direito de receber do Estado os cuidados básicos com sua saúde, com a própria educação e a dos filhos; assistência médico-social na enfermidade, no desemprego e na velhice; habitabilidade nas casas; meios de transporte que não sacrifiquem nas filas e nas conduções o tempo destinado ao lazer e ao convívio.

"Brasileiros e brasileiras: vou entregar-me de corpo e alma às tarefas do governo, para assegurar uma administração eficiente e proba. Rápida nas decisões. Simples nas relações com as pessoas e as entidades. Preocupada com o bem comum. Vigilante na preservação da ordem pública e dos direitos das pessoas e da sociedade. Firme na segurança das instituições. Prudente e serena na utilização dos instrumentos legais existentes para esse fim.

"Numa nação jovem, como a nossa, é natural uma certa dose de impaciência, na promoção dos anseios populares. Ai de nós se nos faltasse o entusiasmo da juventude. Reafirmo meu desejo de encontrar os jovens, com eles confraternizar, e com eles avançar democraticamente na construção da pátria de nossos filhos e netos.

"É o que espero fazer, com a ajuda de Deus e dos brasileiros.

"Muito obrigado".

A transmissão do poder

Figueiredo cumprimenta Stroessner. Ao fundo (encoberto), Padilha.

Stroessner, Padilha e Figueiredo têm reunião protocolar

Já empossado, o presidente João Batista Figueiredo conversou, durante 15 minutos, com os chefes de governo do Paraguai e da Bolívia. Na conversa, foi assessorado pelo embaixador João Hermes Pereira de Araujo, chefe do Departamento das Américas do Itamarati.

Nenhum assunto especial foi tratado. Os três presidentes mantiveram um encontro puramente protocolar. Figueiredo acompanhou Padilha, da Bolívia, e Stroessner, do Paraguai, até a rampa de descida do palácio do Planalto. Em seguida, retornou ao seu interior para receber os cumprimentos de familiares e pessoas próximas.

CERIMONIAL

Os encarregados do cerimonial da posse defrontaram-se, no palácio, com problemas para manter as diretrizes estabelecidas. Cerca de 4 mil pessoas, das quais 1.200 eram convidadas pessoais do presidente João Batista Figueiredo, comprimiam-se no salão nobre do palácio. No local designado para os convidados pessoais, o cerimonial não conseguiu manter a demarcação. Os convidados afastaram as cordas que cercavam o lugar, rompendo-as.

Houve problemas também com o embarque das missões especiais nos carros. O cálculo do cerimonial era de que tal operação demorasse um segundo para cada carro. Pretendia-se que os convidados estrangeiros, assim que descessem a rampa, entrassem nos carros. Mas não foi possível manter o fluxo previsto e as delegações ficaram paradas na entrada do Planalto.

SEGURANÇA

O presidente do Supremo Tribunal Federal foi a única autoridade brasileira a ingressar no palácio do Planalto com dois seguranças, que foram barrados pelos funcionários do Itamarati e convidados a dirigirem-se à sala contígua ao salão nobre. Aliás, o sr. Antonio Neder competiu com o senador Luís Viana, na função de iniciar as palmas durante o discurso do general Figueiredo.

Um convite significativo

Ao fazer do general Alfredo Stroessner o único chefe de Estado especialmente convidado para a posse do general Figueiredo, o governo brasileiro conseguiu provar à Argentina que persistirá a parceria e identidade de pontos de vista com o Paraguai, que tornam este país área de influência notável da política externa brasileira.

Desde alguns anos que o eixo da política dita "pendular" do governo de Assunção está inclinado para o lado brasileiro, especialmente nos momentos críticos, como nos últimos dias, em relacionamentos difíceis com a Argentina.

A cumulação de honrarias e os tratamentos especiais, dispensados ontem por Geisel e Figueiredo ao general Stroessner demonstram que continuará essa situação de influência no quadro da Bacia do Prata, até porque, a exemplo de seu antecessor, o presidente empossado ontem tem igual disposição de oferecer ao chefe de Estado paraguaio seu empenho no estreitamento das relações entre Brasília e Assunção.

O presidente da Bolívia, general David Padilla, veio ao Brasil na condição de chefe da missão especial de seu país. Não recebeu um convite pessoal e direto. Sua presença honra o governo brasileiro, mas no caso do presidente do Paraguai, a situação é diferente.

A missão especial do Paraguai já havia sido designada, sob a chefia do presidente do Parlamento daquele país, mas, além dela, Alfredo Stroessner veio como um convidado especial no momento em que as discussões sobre o aproveitamento energético no rio Paraná atingiram seu nível mais baixo, ao final da presença de Azeredo da Silveira no Itamarati.

A conclusão política é imediata: o Brasil oferece dessa maneira ao Paraguai uma prova clara de prestígio e força nas negociações tripartites. Seu interlocutor paraguaio, mais que interlocutor, é um parceiro solidário. Isso explica porque tratamento especial foi reservado a Stroessner. Ele manteve inclusive dois encontros ontem com o general Figueiredo. O primeiro ocorreu no Palácio do Planalto e contou com a presença do general Geisel minutos antes de passar a faixa presidencial. O sentido da presença conjunta de Geisel e Figueiredo é o de prestar garantia da continuidade brasileira com relação à obra de Itaipu e ao relacionamento amistoso com o Paraguai.

Depois, à tarde, Stroessner voltou a se encontrar com o general Figueiredo, estando também presente o presidente boliviano representando os três chefes de Estado três países que têm em comum o fato de serem ribeirinhos superiores na Bacia do Prata, da qual fazem parte também, em condição de ribeirinhos inferiores, a Argentina e o Uruguai.

Como se vê, o Brasil está com os dois sócios, em condições de vantagem na região do Prata — velho foco de atenção e cuidado da diplomacia herdada do Império. Com o Paraguai, o Brasil ganha maioria nas dicussões tripartites para compatibilização de Corpus e Itaipu, com a Bolívia e o Paraguai, alcança igual maioria nas querelas dos cincos associados do Tratado da Bacia do Prata.

Evidentemente, a simplificação em termos de maioria não basta, até porque nos dois esquemas é necessário o consenso para se chegar a qualquer resolução. Em todo o caso, indica que, na política exterior brasileira para a região do Prata, o Brasil a inicia em confortável posição, a despeito do estancamento nas discussões tripartites. Tudo isso repercutirá nas conversações que o chanceler Guerreiro vai manter hoje com seu colega argentino, brigadeiro Carlos Pastor. O novo ministro das Relações Exteriores poderá conversar a partir de uma situação privilegiada, resultado de ação diplomática premeditada — a presença de Stroessner no Brasil — e também pelo fator cada vez mais pesado no jogo geopolítico entre Brasil e Argentina, que é o ritmo acelerado de Itaipu em contraste com Corpus, uma obra ainda no papel e em fase de definição de viabilidade.

Outra característica de relacionamento especial na política externa brasileira, Figueiredo fez questão de enfatizar em seu próprio discurso de posse. Ao incluir nada menos de quatro parágrafo exclusivamente dedicados às nações do continente africano, ele procurou deixar claro que seu governo não pretende ser apenas um continuador da política pró-África iniciada na administração Geisel, mas avançar muitos passos nesse terreno, até se atingir, efetivamente, o relacionamento profícuo e dinâmico a que aludiu.

Prioridade para a preparação do "futuro adulto"

Ao participar da festa popular promovida no Ginásio de Esportes Presidente Médici, o general Figueiredo, em pronunciamento feito de improviso, acentuou que "de nada valerá o nosso desenvolvimento econômico e político se não tivermos o cuidado e o carinho com a preparação do futuro adulto".

Falando a mais de 12 mil jovens, quatro mil trazidos a Brasília de todas as partes do País pela Liga de Defesa Nacional para a posse do presidente, Figueiredo disse que nenhuma riqueza natural representa mais para o País que a sua juventude. E ante algumas interrupções onde os colegiais gritavam: "Figueiredo! Figueiredo!", ele acentuou: "A partir de hoje, ao invés de dois filhos e dois netos, eu terei 25 milhões de filhos e os quero olhar com o mesmo carinho, o mesmo afeto e a mesma preocupação com que olho meus filhos e netos".

BEIJOS, CHORO E SAMBA

Figueiredo chegou ao Ginásio de Esportes às 15 h, e durante o percurso até o palco armado no centro da quadra, foi abraçado e saudado por dezenas de jovens.

Acompanhado do governador do Distrito Federal, Aymée Lamaison, do presidente da Liga de Defesa Nacional, Nahim Rastum e do vice-presidente da mesma entidade, Mário Pacini e do general Danilo Venturini, chefe do Gabinete Militar da Presidência. Figueiredo chegou até o palco sob o canto da música "Amigo", de Roberto Carlos, entoado pelos estudantes presentes. O locutor de televisão Hilton Gomes anunciou a presença no palco dos cantores Benito de Paula e Alcione (convidados para o espetáculo popular) que se encontravam juntos a Roxinho e Sônia., mestre-sala e a porta-bandeira da escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel, campeã do carnaval carioca deste ano.

Depois fez um discurso de improviso e, encerando a sua participação na festa, de mãos dadas com crianças e artistas, cantou o Hino Nacional executado pela banda da Polícia Militar.

QUEBRA DE PROTOCOLO

Exatamente 15 minutos foi o tempo que Figueiredo levou para se deslocar do palco até o carro que o aguardava na saída privativa do ginásio. Pedidos de autógrafos, empurrões e choros por parte de alguns estudantes que não conseguiam chegar ao presidente, foram parte de espetáculo extra-palco.

O menino Maurício Antonio da Costa, de dez anos, aos prantos deixava o local, quando o general Danilo Venturini, chefe do Gabinete Militar da Presidência, chegou até ele e perguntou o que havia. O garoto disse que queria falar com Figueiredo.

Figueiredo voltou-se, abraçou o menino ainda em prantos e lhe disse: "Chore com o vovô", depois mandou que anotasse o endereço do garoto, que lhe fez um pedido em segredo. Posteriormente os repórteres reconheceram Maurício: é o mesmo menino que em setembro do ano passado driblou toda a segurança montada no então escritório do Hotel Aracoara, para falar com Figueiredo. Queria pedir ajuda para sua mãe viúva. Naquela ocasião, não conseguiu falar com o general Figueiredo.

O carro presidencial já se movimentava, deixando o ginásio, quando Figueiredo reconheceu um velho amigo. Abriu a porta e desceu do carro, quebrando o protocolo: era o sargento Orozimbo, que com ele serviu de 1954 a 1956 no 9.º Regimento de Cavalaria, em São Gabriel, Rio Grande do Sul.

Depois de abraços e troca de algumas palavras — "depois vamos tomar uma cana", lhe disse Figueiredo — o presidente seguiu em seu carro. Vinte metros depois, voltaria a quebrar o protocolo: uma delegação de adesguianos da cidade de Bauru, liderada pelo deputado Alcides Franciscato, estendia faixas saudando o novo presidente.

O carro parou e Figueiredo desceu cumprimentando os 22 integrantes da delegação. O único detalhe foi que os batedores em suas motocicletas, não percebendo a parada do carro, seguiram. Mais abraços e, por fim, ele deixou o ginásio, seguindo para o Planalto.

DISCURSO NO GINASIO

No seu improviso, Figueiredo disse, inicialmente que "ao assumir os pesados encargos de presidente da República, eu tenho bem presente as responsabilidades que a partir de hoje assumo perante o povo brasileiro.

"Diante dessas responsabilidades — acrescentou — eu devo ressaltar aquela mais importante para mim, que é tratar da criança e da juventude brasileira, porque tenho bem presente que o Brasil de amanhã estará nas mãos de vocês. Eu tenho bem presente que em cada jovem, se não for nada, será um futuro cidadão e que precisa ter consciência do que vale de fato na sociedade brasileira. E nada valerá o nosso desenvolvimento econômico, o nosso desenvolvimento político se nós não tivermos em conta, na parte sociall, o cuidado e o carinho com a preparação do futuro adulto do Brasil."

Acrescentou mais adiante:

"Com essa caneta que vocês me deram, trazida pelas suas mãos com o entusiasmo da juventude, eu elevo minhas preces a Deus para que eu junte também a esse entusiasmo a sua sabedoria para que me ilumine. Para que de fato esta caneta, ao assinar os atos que de hoje em diante terei de assinar, ela seja de fato a caneta que vai trazer a felicidae para a juventude do País."

Cumprimentos duram cerca de duas horas

Figueiredo e Aureliano Chaves receberam, ontem à tarde, durante duas horas, os cumprimentos de aproximadamente mil autoridades brasileiras e estrangeiras, em solenidades realizadas nos Salões Leste e Oeste do Palácio do Planalto.

Das 16h30 às 17h30, Figueiredo e Aureliano, ao lado do chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro, apertaram as mãos de 250 membros de 98 missões estrangeiras e do secretário geral da OEA, Alejandro Orfilla. O cumprimento mais demorado foi o do embaixador da República Popular da China, Chang Ten Chang, que ficou quase três minutos conversando com o vice-presidente.

Das 17h30 às 18h30, no Salão Leste, Figueiredo e Aureliano receberam os cumprimentos de autoridades eclesiásticas, senadores e deputados. Em seguida, 22 ministros apresentaram ao novo presidente seus auxiliares diretos, assim como o governador do Distrito Federal, Elmo Serejo Farias.

Ao final da cerimônia, Figueiredo foi cumprimentado pelo consultor geral da República, Clóvis Ramalhete, e do procurador geral da República, Firmino Rocha, que tomam posse hoje, pela manhã, e do diretor geral do Dasp, José Carlos Freire.

"Ser presidente, nunca mais", desabafa Geisel

"Sempre estarei aberto a colaborar se precisarem de mim, mas, ser presidente da República, nunca mais", desabafou ontem o ex-presidente Ernesto Geisel, na primeira entrevista coletiva que concede a jornalistas brasileiros em território nacional, como cidadão comum e presidente da República. O general Ernesto Geisel, mostrando bom humor e satisfação, concordou em receber a imprensa no "Recanto dos Cinamomos", sua nova casa, na cidade de Teresópolis, no Estado do Rio.

Afirmou, durante a conversa informal, que "um homem com a minha idade, com mais de 70 anos, não pode mais pensar em ser presidente da República. E é um absurdo — frisou o general — num país com mais de 110 milhões de habitantes, um homem ser presidente duas vezes. Deve ter muita gente competente para ser presidente", concluiu.

RECEPÇÃO

Por volta das 16h40, o general Ernesto Geisel pediu a Humberto Barreto, que chegou a casa no começo da tarde, que fizesse os repórteres entrarem na casa para uma rápida conversa e algumas fotos, desde que não houvesse entrevista. Entre sorrisos, Geisel cumprimentou os jornalistas e ironicamente perguntou: — vocês estão trabalhando hoje? Eu não, estou folgando hoje", completou e sorriu.

Um repórter, comentou com o ex-presidente sobre a afirmação que fizera, de que hoje (ontem) é o dia mais feliz de sua vida. O general respondeu que não, pois tivera dias mais felizes em sua vida e mudou de assunto, fazendo outra pergunta: "já repararam a vista daqui, que beleza?" Em seguida, o general Geisel respondeu a outra pergunta, afirmando que fizera uma ótima viagem de Brasília para o Rio, bastante tranquila.

Seu ex-assessor de imprensa e ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Humberto Barreto, acompanhou o presidente Geisel durante todo o tempo, juntamente com sua esposa, dona Lucy, relembrando o tempo em que trabalhava com os jornalistas em Brasília. Travou-se, então, o seguinte diálogo, entre os jornalistas e o general, que ainda era chamado de presidente pela maioria:

— Presidente, o sr. vai se dedicar à jardinagem, seu "hobby"?

"Meu "hobby" não é jardinagem. Vou ler, jogar biriba, tomar banho de piscina... Mas também vou cuidar do jardim", e comentou em seguida o trabalho dos fotógrafos, mostrando-se impressionado com a rapidez deles. Depois, o ex-presidente levou os repórteres para a churrasqueira, afirmando: "Aqui nós vamos reviver as tradições do Rio Grande", e sentou próximo à piscina, a pedido dos fotógrafos.

O ex-presidente concordou também em tirar a gravata e o paletó por algum tempo, após o comentário de um outro repórter de que ele nunca se deixara fotografar sem ela, permanecendo ao lado de dona Lucy na beira da piscina, onde o diálogo foi retomado:

— General, o senhor é madrugador, mas em junho faz frio aqui e essa piscina vai ficar gelada.

Geisel respondeu que era "madrugador por obrigação. Agora vou reformular o horário. A alvorada vai ser às 8 da manhã", afirmou, para em seguida ouvir a exclamação da esposa de Humberto Barreto: "duvido que o senhor faça isso".

Respondendo a outra pergunta, sobre o que sentia agora, sem a responsabilidade do governo, Geisel disse: "a sensação é sempre boa, mas isso já aconteceu antes na minha vida. Sempre deixo cargos e a sensação é sempre de tranquilidade. Um dos dias mais felizes de minha vida foi quando o Castello Branco empossou o Costa e Silva na Presidência e eu deixei de ser chefe da Casa Militar. Quem deve estar com um peso maior sobre os ombros é o João Batista Figueiredo", disse sorrindo, reafirmando que está pronto a colaborar, caso seja procurado para dar algum conselho.

HUMILDADE

O ex-presidente disse que a maior lição que aprendeu durante os cinco anos foi a de humildade e, disse em seguida, respondendo a outra pergunta, que "não perdeu o contato com o povo. Sempre tive contato com o povo, sou um homem humilde e de origem humilde. Nunca me empolguei como poder. Poder para mim é servidão", e se dirigiu para a varanda da casa, fazendo outra piada: "vocês tem um pistolão danado aí com o Humberto".

Depois de brincar com a cadela "Duquesa", um dálmata preto e branco, e com "Dolf", um pastor alemão, o ex-presidente convidou os repórteres para tomar um refrigerante. Dois garções começaram a servir e sua filha, Amália Lucy, surgiu com uma bandeja de sanduíches, oferecendo aos presentes. O general, comentando a brincadeira de outro repórter sobre sua pretensão de ser vereador em Teresópolis, disse que aquilo era só uma brincadeira "entre mim, o Simonsen e o Humberto", disse, explicando que os três seriam vereadores e o Biale (José Biale, um amigo da família e corretor no local) seria o prefeito da cidade.

CHEGADA

O ex-presidente da República chegou à rua Engenheiro Eduardo Parisot, no vale do Imbui, em Teresópolis, por volta das 15h40, acompanhado de seu ex-assessor de imprensa, Ruben Ludwig; seu secretário particular, Heitor de Aquino; do ex-chefe da Casa Civil, Morais Rego; sua esposa, dona Lucy; sua filha, e diversas outras autoridades. Ao todo, a comitiva tinha sete carros, além do Galáxie cinza do presidente e da "Veraneio" da segurança.

Na casa já estavam seu amigo particular e ex-presidente da CEF, Humberto Barreto, que minutos antes conversara com a imprensa e recordando seus tempos de assessor do Planalto, prometeu aos repórteres tentar uma conversa informal com o general, assim que ele chegasse. A mãe de dona Lucy, dona Joana Lopes, e a irmã do general, dona Amália Geisel (que passará a morar na casa), também já se encontravam no sítio Recanto dos Cinamomos (nome de uma árvore típica do sul, que nasce também em Teresópolis), além do reitor da Universidade de Passo Fundo, Bruno Markus, com sua esposa. Na parte da manhã haviam chegado algumas outras pessoas conhecidas da família e o corretor José Biale, que vendeu o terreno ao ex-presidente, há quatro anos passados, onde a casa foi construída.

Descontraído, o ex-presidente concede sua primeira entrevista no Brasil.

O aceno final ao povo de Brasília e a recepção calorosa dos cariocas.

Na despedida, a valsa

"Aliviado, general?" — quis saber de Ernesto Geisel, ao meio-dia, 30 minutos antes do embarque, na base aérea de Brasília, para o Rio, uma repórter de televisão. "Sim" — respondeu, em demorado sorriso, o ex-presidente. "Missão cumprida ?" — perguntou outro. "Missão cumprida" — respondeu Geisel, pousando de leve a mão no braço do repórter, que foi empurrado fortemente por um segurança presidencial.

"Felicidades" — foi outra palavra que a imprensa conseguiu ouvir do general Geisel, nas despedidas na base aérea. Foi quando ele se virou, ao pé da escada do Boeing presidencial, para acenar aos generais, ministros e políticos que lá estavam, pouco depois de ter ouvido a "Valsa do Adeus", tocada pela Banda da FAB. Às 12h30m, o avião decolou, escoltado desta vez por quatro aviões "Mirage", da base de Anápolis.

Geisel chegou à base aérea ao meio-dia, bem humorado, dando um forte abraço em seu motorista, acompanhado oficialmente do atual chefe do Gabinete Militar da Presidência, general Danilo Venturini, que foi o último a abraçar o ex-presidente, antes do embarque. Com ele, chegaram a filha, Amália Luci, a esposa Luci e os assessores diretos que o acompanharam até a casa de Teresópolis, de onde voltaram, ontem mesmo.

"O general Geisel se retira de Brasília com a clara sensação de que cumpriu com o seu dever" — disse o antigo porta-voz, coronel Rubem Ludwig. Enquanto corrigia, brincando: "Agora, eu não sou mais eu". Já a irmã mais velha do general, Amália Geisel, que morava no palácio da Alvorada, esquivou-se, tranquila: "Eu sou carta fora do baralho, meu filho. Só sei que vou morar, alegre e feliz, em Teresópolis. Só isso".

Ao chegar à base aérea. O general Geisel entrou na sala de autoridades, junto com os ministros que o acompanharam, menos os que continuam no governo do general Figueiredo. Na sala, Geisel se despediu de oficiais-generais que lá o esperavam em separado dos políticos, mantidos numa sala ao lado. No final, a caminho do avião, o atropelo foi geral, misturando-se repórteres, generais, ministros e deputados.

Os senadores Dinarte Mariz, Murilo Badaró, Nilo Coelho e Lomanto Junior, o presidente do IBC, Camilo Calazans, da EMBRAFILME, Roberto Farias; da Portobrás, Arno Markus (cunhado de Geisel); o procurador-geral da República, Henrique Fonseca de Araujo; o deputado e ex-governador de Alagoas, Divaldo Suruagi; o ex-porta-voz, general Toledo Camargo — foram alguns dos que se despediram de Geisel, na base aérea.

No avião, com o general Geisel, além dos familiares dele, viajaram o antigo porta-voz, coronel Rubem Ludwig, secretário particular, Heitor de Aquino, o médico Américo Mourão, o assessor especial, coronel Gleuber Vieira, e o chefe do Gabinete Militar, Moraes Rego.

INSTANTES DE TUMULTO

O embarque do ex-presidente teve instantes de tumulto quando as autoridades presentes fizeram questão de acompanhá-lo até a porta do aparelho, para o último abraço. Além disso, sua segurança pessoal colaborou com a confusão, ao tentar impedir o trabalho dos jornalistas, chegando, inclusive, a danificar o microfone de um repórter de televisão.

No Rio, com Chagas

O ex-presidente Geisel desembarcou ontem à tarde na Base Aérea do Galeão, alegre e sorridente e "com o sentimento de missão cumprida com galhardia, coragem e tranquilidade", conforme definiu marechal Osvaldo Cordeiro de Farias, que juntamente com 100 oficiais, almirantes, brigadeiros e o governador Chagas Freitas, além de amigos, o aguardavam na pérgula da base.

Geisel veio num jato da FAB com 25 pessoas, incluindo sua mulher, dona Luci, a filha Amália e sua irmã mais velha, chamada de "tia Amélia", além do general Moraes Rego e do secretário particular Heitor Aquino e o coronel Rubem Ludwig. Segundo um dos tripulantes do jato, Geisel estava muito feliz no vôo, que considerou tranquilo, pois conversou, sorriu muito e mantinha um semblante alegre.

O jato pousou às 13h45 e minutos depois Geisel desceu acompanhado da família, sendo recebido por Chagas Freitas, o comandante da base, coronel Baeta, e os comandantes militares da área. A banda da base tocou ainda a marcha presidencial e Geisel acenou sorrindo para os repórteres e fotógrafos, que foram impedidos de cumprir sua missão naquele local devido a atitude de um capitão chamado Luciano.

Depois, o general Geisel foi para a sala das autoridades, onde o aguardavam entre outras personalidades, o seu amigo general Herrera, que identificou-se ao chegar como "o próprio" ao ser indagado se era "o general amigo de Geisel". As 14h10, sob aplausos, o general Geisel e família deixaram a base com destino a Teresópolis, seguidos por uma comitiva de carros.

Quando Geisel passou pela pérgula, encontrando os oficiais generais em formação, fez questão de apertar a mão de um por um deles, começando pelos do Exército e, depois, almirantes e brigadeiros. Estavam presentes o comandante do 1.º Distrito Naval, almirante Paulo Bonoso Duarte Pinto; o comandante do 3.º Comando Regional, Brigadeiro Paulo de Abreu Coutinho e o comandante dos Fuzileiros Navais, almirante Domingos Matos Cortez.

Os repórteres, devido a distância que foram mantidos e impossibilitados de se aproximar da sala de autoridades, não puderam verificar quais os civis presentes, embora se comentasse que o economista Eugênio Gudin era um deles. Antes da chegada de Geisel, o major Fonseca advertiu os repórteres que não seriam toleradas tentativas de entrevistas com Geisel.

O novo governador do Estado do Rio, Chagas Freitas, chegou à base as 12h35, já no carro oficial, e esteve sempre sorridente ao receber Geisel, perdendo-o de vista apenas por breve momento, quando cumprimentava dona Luci Geisel beijando-lhe as mãos. As bagagens do general Geisel e família foram liberadas em pouco mais de 10 minutos e embarcadas em um carro especial, Geisel seguiu para Teresópolis acompanhado de dois carros com agentes de segurança.